

Nossos mestres

UMA VIDA DEDICADA AO ENSINO

» MARIANA NIEDERAUER

Algo em Brasília atraiu os olhares do professor Zaldo Borges, 57 anos. Acostumado a mudanças constantes — de endereço e de projetos —, há 38 anos ele fincou raízes na capital, onde começou a carreira como docente da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Nascido numa aldeia indígena na Paraíba, no município de Baía da Traição, ele viveu boa parte da infância em diferentes territórios.

O pai de Zaldo, Cícero Cavalcanti, era sertanista e um dos pupilos do marechal Rondon. A ascendência indígena veio da bisavó, que levou o patriarca a mergulhar na cultura dos povos originários e a preparar um dicionário com alguns dos principais termos traduzidos para o português. Ao ser apresentado à obra, o marechal se encantou e ofereceu a Cícero um cargo no antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), atual Funai.

A mãe, Maria Lourdes Borges de Albuquerque, hoje com 85 anos, dava aulas para indígenas numa aldeia em Águas Belas (PE) quando encontrou Cícero. Foi amor à primeira vista. Ela desfez um noivado de quase três anos e em poucos meses estava casada. Cícero morreu aos 92 anos, em 2013, e até hoje Maria Lourdes guarda bilhetes que o marido trocava com o marechal Rondon.

A primogênita nasceu em uma aldeia em Rondônia. Depois, vieram mais cinco. Erizaldo Cavalcanti Borges Pimentel é um dos filhos “do meio”. Para todo o lado que o pai seguia, a prole ia junto, em missões pelo Norte e Nordeste. “Quando criança, eu estive no Pará, no Maranhão... Já menino pequeno, em Rondônia, me lembro de ter cruzado a fronteira para a Bolívia num rio, a bordo de uma voadeira. A família toda viajava naqueles barquinhos perigosíssimos”, lembra. O período mais longo de calma, segundo ele, veio durante o ensino

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



O professor Zaldo Borges, com alunos do Centro de Ensino Fundamental 1 (CEF1) do Cruzeiro: "Quando entrei nessa escola, os celulares eram recolhidos. Mostramos que era importante que o aparelho estivesse nas mãos dos meninos"

fundamental, todo cursado em Recife.

A vocação para ensinar, o filho Zaldo demonstrou desde cedo. Aos 13 anos, ele foi chamado para ministrar sua primeira aula particular, ainda em Recife, cidade onde passou a maior parte da infância. Aos 15, quando os pais se mudaram para Brasília, mais uma vez em razão de trabalho, preferiu permanecer no Nordeste. Havia conseguido uma vaga na Escola Técnica Federal de Pernambuco (hoje Instituto Federal) e sabia que, dificilmente, encontraria ensino com qualidade semelhante. Não quis perder a oportunidade.

Quando concluiu o ciclo básico da educação, aos 18 anos, se mudou para Brasília e passou também a dar aulas particulares, mas nutria, até então, a vontade de cursar engenharia mecânica. “Passei a ter, a cada hora, um aluno, dando aulas particulares de matemática e de física.”

Tudo isso porque, durante o cursinho pré-vestibular, percebeu que o professor se atrapalhava um pouco e aquilo refletia nas dificuldades dos alunos em entenderem o conteúdo. “Pedi, então, ao dono do cursinho, para dar aula de reforço aos colegas. Ele deixou e, numa aula que eu dei, teve um colega, eu não me recordo quem foi, mas eu agradeço a ele todo dia, que chegou para mim e falou: ‘Cara, você vai fazer engenharia? Você tinha que ser professor de física!’”

Zaldo ouviu o conselho, passou na Universidade Católica de Brasília, aos 19 anos, e correu para providenciar a carteira de trabalho. O primeiro carimbo foi como professor de física. Dom Bosco, La Salle, Planalto e Sigma estão entre as instituições de ensino particulares onde ele lecionou, por vezes, conciliando a cátedra com a carreira na rede pública.

Luz, câmera... educação!

O projeto que Zaldo coordena atualmente, no Centro de Ensino Fundamental 1 (CEF1) do Cruzeiro, é sucesso de público e crítica, fazendo uma analogia direta com o tema das aulas: cinema. “Venho para cá conversar sobre um assunto que é superinteressante. Vi tevê pela primeira vez quando tinha 8 anos. E o cinema nunca fez parte da minha vida, porque era uma coisa cara, precisava juntar meu dinheirinho para poder ir”, conta.

O cenário atual é bem diferente, e já passou por transições importantes no momento em que mudou o foco da carreira docente, passando a lecionar conteúdos mais lúdicos. “Quando entrei nessa escola, os celulares eram recolhidos. Fizemos, então, um movimento contrário e, no ano seguinte, mostramos que era importante que o